

MARIANNE FRITZ

A GRAVIDADE DAS CIRCUNSTÂNCIAS



cavalo de ferro

WILHELMINE NÃO É BERTA

Wilhelmine recordava-se com dolorosa minúcia do que acontecera no ano de 1945. Wilhelm pusera o colar com a medalhinha de Nossa Senhora em redor do pescoço de Berta e não do dela. E isso apesar de a barriga de Berta inequivocamente indiciar que, ao contrário da própria Wilhelmine, a sua castidade era já coisa do passado. Não obstante os laços de amizade que as ligavam, Wilhelmine ainda poderia achar que Berta talvez se adequasse a Rudolf, mas seguramente jamais se adequaria a Wilhelm.

– O Rudolf é tão brando, tão calmo... É da sua natureza pôr-se a cismar, precisa de uma mão firme, que o agarre, alguém que esteja na vida de pés bem assentes. É um sonhador, anda sempre entregue a devaneios. O Rudolf tem de ser dirigido. Precisa de quem saiba o que é melhor para ele. Berta, ele simplesmente não se adequa a ti.

Teriam em tempos sido essas as palavras que Wilhelmine dirigira à amiga, quando esta lhe confidenciara que Rudolf lhe agradava bastante?

– Oh, Berta, sua bichana azarenta! Não eras capaz de escolher ocasião melhor para ter filhos, uma altura que não fosse esta?! Saberás tu, por acaso, se o Rudolf vai mesmo regressar da frente?! E, para mais, logo o Rudolf! Nem é capaz de cortar o pescoço a uma galinha, quanto mais de criar uma criança! Pobre diabo, a alma mais pacífica que se consegue imaginar...

Logo ele, que nunca foi um tipo arrojado, está agora, sabe-se lá se não é mesmo na frente... E a ti, nada de melhor ocorre a não ser engravidar! Berta! Isso é uma loucura!

Teriam sido essas as palavras que Wilhelmine dirigira a Berta quando esta revelara à amiga que a última licença gozada por Rudolf tivera as suas consequências?

Teriam porventura até sido essas as palavras, mas entretanto a atitude de Wilhelmine mudara, seguira em sentido oposto, precisamente na altura em que, em lugar de Rudolf, ali chegara um estranho chamado Wilhelm Schrei e em que esse estranho entregara uma margarida e uma carta à sua amiga. Berta recebera ambas as coisas como se fossem um diadema precioso. «Pois, pois...», limitara-se ela a dizer, nem sequer um «Muito obrigada». Naqueles tempos incertos, abalara-se um estranho desde Francoforte do Oder até Donaublau e tudo o que ocorrera a Berta dizer fora «Pois, pois...»

Por muita dor que se sentisse, aquilo era demais! Wilhelm, o pobre tipo, nem sequer sabia que mais haveria de dizer. E que fez Berta Faust? Simplesmente esqueceu-se de Wilhelm. Sentou-se à mesa, passou a mão sobre o tampo, como se tivesse de alisá-lo, e uma vez mais disse «Pois, pois...», sem sequer levantar o olhar. Berta Faust era mesmo assim. Sempre com a cabeça algures, noutro lado qualquer, mas nunca no presente.

No meio da sua infelicidade, é bem certo que Berta teve a felicidade de ela, Wilhelmine, estar presente. Foi ela, Wilhelmine e não Berta (!), quem ofereceu aguardente, toucinho e pão a Wilhelm. Tesouros adquiridos ora no mercado negro, ora junto de agricultores, em parte pelo pai de Berta, em parte por ela, Wilhelmine, e não por Berta (!) Wilhelmine deixou aquele indivíduo obviamente esfaimado comer em paz, e só depois de abrandar a frequência com que Wilhelm estendia a mão para alcançar o toucinho e o pão começou ela a fazer as perguntas que na verdade deveriam ter sido feitas por Berta.

– Muito bem, o Rudolf foi morto em combate. Há-de ter acontecido a muitos outros. O que eu gostava de saber é: como foi que isso aconteceu? A coisa foi rápida ou ele demorou a morrer?

Além de, naturalmente, ter ficado confundido com aquele silêncio de Berta bem pouco hospitaleiro, o pobre diabo sentiu-se tão intimidado que acabou por não querer falar logo das coisas que naquelas situações há que falar, para que fiquem ditas e resolvidas.

Não, Berta não dispensou a mínima atenção ao homem que regressara da frente. Até mesmo a infelicidade de Berta foi ela, Wilhelmine, que teve de lamentar!

– Pobrezinha! Eles os dois pareciam feitos um para o outro! E agora acontece isto. Com uma criança a caminho e sem um homem em casa. Que coisa mais disparatada! De que serve um velho coveiro a uma grávida? Além do mais, sendo seu pai... E, no entanto, havia quatro rapazes, homens feitos, na família Faust, isto já contando com o genro, o Rudolf! É de perder a compostura! Então, Berta? Diz qualquer coisa!

Berta deu umas risadinhas e disse apenas:

– Pois, pois...

– Que motivo há para risadas? Que há de tão engraçado nisto? – ralhou Wilhelmine com Berta, em voz alta e já indignada. A seguir virou-se para Wilhelm e prosseguiu. – Karl era, ainda assim, o mais decente dos rapazes da família Faust. Em Março de 1945 lá foi capaz de dar notícias. Ao menos ficámos a saber que estava num hospital de campanha, em Castel Franco, algures perto de Modena. Já o Richard, o irmão gémeo, devia ter preguiça para escrever. Desde Março de 1944 não o fez uma única vez. E não é que a Alta Silésia seja assim tão longe. Se quisesse, bem podia ter pedido ao menos alguns dias de férias! O Wastl também deve ter esquecido que em Donaublau havia uma mãe e uma irmã à espera de sinais de vida dele. O Wastl em Grajewo, o Karl algures em Modena,

o Richard na Alta Silésia, era tudo o que se sabia. Ora, diga-me lá, acha bem que não se dê notícias? Podiam perfeitamente entregar uma carta a alguém, para quem fica em casa, para o caso de virem a ser surpreendidos... Afinal, haviam de contar com essa possibilidade, não? Berta, diz qualquer coisa!

Berta manteve o silêncio.

– Não, isto assim não pode continuar! Alguma coisa vai ter de se fazer! Em relação a si, como é? Fica aqui por Donaublau, não? As cidades agora têm todas mais ou menos o mesmo aspecto. Um monte de escombros é um monte de escombros, esteja-se lá onde se estiver. Afinal, há que recomeçar tudo do nada e hoje em dia a coisa é assim por todo o lado. Os rapazes dos Faust dormiam ali ao lado. Três camas vazias, duas arcas para roupa, uma mesa e três poltronas... Isso de certeza que chegará para si, não?

Dito isto, Wilhelmine olhou para Wilhelm, esperançada.

Wilhelm ficou por lá. Contudo, o anel decisivo, que na verdade lhe seria devido desde o primeiro dia, Wilhelmine só o usou a partir de 13 de Janeiro de 1960. Fosse como fosse, o importante é que estava a usá-lo.

Já o colar com a medalhinha de Nossa Senhora, esse continuava na posse de Berta.

Wilhelm não fazia ideia do quanto o colar com a medalhinha de Nossa Senhora estimulava o dinamismo de Wilhelmine. No fundo, já nem se lembrava de nenhum colar com uma medalhinha de Nossa Senhora.

Para Wilhelmine, as dúvidas e as cismas iam dar ao mesmo que o alcoolismo, a dependência do tabaco ou das drogas, coisa que Wilhelm aceitava com alguns *ses* e alguns *mas*, alguns prós e alguns contras. Ao longo dos anos, Wilhelmine habituara-se a que – embora complementadas com alguns prós e alguns contras, alguns *ses* e alguns *mas* de Wilhelm – as suas opiniões singrassem e se impusessem nas disputas conjugais. À medida que a isso se foi habituando, gerou-se um mal-estar crescente,

que sentia de um modo indistinto e resumia na seguinte exclamação:

– Wilhelm, alguma coisa vai ter de se fazer!

O governo da casa estava perfeitamente organizado; o trabalho como empregada de limpeza no escritório do Dr. Ulrich Reichmann, bem como na filial de Donaublau da empresa Mueller-Rickenberg, cumpria o seu propósito, pois gerava alguma receita e dava também aproveitamento à força produtiva de Wilhelmine. O que restava da sua energia tratava ela de queimar nas suas minuciosas disputas conjugais.

À medida que o tempo passava, não havia como ignorá-lo. O dinamismo de Wilhelmine andava em busca de todo um campo de novos afazeres que pudessem alargar os seus horizontes. Assim, e após andar para cá e para lá com o assunto de Berta durante anos, Wilhelmine decidiu-se finalmente a abordá-lo de modo mais enérgico. Enquanto preparava o pequeno-almoço com gestos rápidos e desembaraçados, formou-se no seu interior a noção de que «O assunto de Berta será hoje encerrado de uma vez por todas».

Fora intensa a esperança que Wilhelm investira em conseguir evitar este golpe do destino; lutara também valorosamente por isso e, ainda assim, conseguira ao longo de três anos ser bem-sucedido. Só que o tempo ia passando e, à medida que Wilhelm foi ficando mais velho, ele teve, quer o tenha querido quer não, de tirar as consequências de um facto de que estava bem ciente: «Wilhelmine não é Berta.»

– Deixemos as coisas em paz, assim como estão! O que passou passou! Não posso desfazer o que já aconteceu!

Ao longo de três anos, esta fora com bastante frequência a penúltima contribuição pronunciada nas disputas conjugais, em todo o caso a última a sair da boca de Wilhelm. A mulher dele, a resoluta Wilhelmine, achava sempre que era responsabilidade sua contribuir com a última achega para a dita disputa, até porque para tudo tinha pronta a imprescindível

resposta que refutaria o que o seu interlocutor tivesse dito. E Wilhelm, convicto de que em qualquer disputa conjugal sempre terá de haver um vencedor e um vencido, contentava-se com o papel do vencido, coisa que em nada o inquietava. A bem dizer, inquietava-o muito mais a noção que com o tempo se foi cimentando de que a sua Wilhelmine poderia não apenas ser resoluta nas suas opiniões e nos seus pontos de vista, mas também ter a tendência, em determinadas circunstâncias, de querer impor essas opiniões.

– A 13 de Janeiro de 1960, casámo-nos.

Com estas palavras iniciou Wilhelmine a conversa do pequeno-almoço do dia 13 de Janeiro de 1963, disposta a conquistar o tal vasto campo de novos afazeres, fosse qual fosse o preço. Assim, foi com sombria determinação que bateu com a colher no cimo do ovo que iria comer, para lhe quebrar a casca.

– E a 13 de Janeiro de 1960 foi o aniversário de Berta – replicou Wilhelm.

Esforçou-se por soar particularmente brando e equânime, mas sobretudo por irradiar uma serena modéstia, isto apesar de vagos pressentimentos, quais fantasmas, terem já começado a percorrer-lhe as células nervosas do cérebro, o que acabou por se manifestar no seu sorriso, reacção que por sua vez deixou Wilhelmine pensativa.

WILHELM, O SORRIDENTE

Regra geral, o sorriso de Wilhelm revelava-se tremendamente rendoso. Isso manifestava-se em gorjetas chorudas, que complementavam de modo deveras agradável o seu ordenado como *chauffeur* e faz-tudo de Johannes Mueller-Rickenberg e figuravam como receitas fixas no orçamento dos Schrei. Tais abonos promoviam tremendamente o dom que Wilhelm tinha

para sorrir. O sorridente Wilhelm sabia que, do mesmo modo que, ao cozinhar, tudo depende do tempero certo, também ao sorrir tudo depende da melhor combinação de diferentes factores. Segundo Wilhelm, *chauffeur* e faz-tudo, importante era sobretudo uma avaliação correcta de quem se transporta.

O sorriso de Wilhelm revelava a Johannes Mueller-Rickenberg que Wilhelm era humilde e um pouco néscio, mas discreto e, enquanto *chauffeur* e faz-tudo, também astuto, expedito e de confiança. Além disso, Johannes, o patrão de Wilhelm, sabia que este via, ouvia e entendia tudo, mas que se fazia de desentendido. Em suma, Wilhelm era o *chauffeur* perfeito, o faz-tudo ideal. E era através do sorriso que mantinha intacta essa imagem que o patrão tinha dele. Wilhelm sabia perfeitamente quando era melhor acrescentar uma pitada mais de submissão à sua receita, quando deveria temperar a nescidade com uns grãos de astúcia, sabia quando, onde e em que circunstâncias o sorriso deveria sinalizar a sua ausência ou, pelo contrário, a sua presença, sabia de que modo poderia, através do sorriso, confirmar fosse a quem fosse que transportasse aquilo que essa pessoa sempre soubera. Assim, sorria qual céptico, cismático ou conhecedor, qual néscio ou astuto, sorria qual clarividente ou falhado, qual detentor de um espírito ora obedientemente submisso ora rebelde e inteiramente inclinado para o pensamento crítico, mas jamais de um modo rude e óbvio, antes a meio-termo e sempre disposto a acentuar, moderar ou mesmo eliminar uma ou outra *nuance* no seu sorriso. Não eram apenas os tais abonos que promoviam tremendamente este seu relevante dom para o sorriso com *nuances*. Também os seus pensamentos – que sempre tendiam para o «se» e o «mas», para o «há que ter em consideração» e o «atendendo às circunstâncias», para o «joga a favor, se se tiver em conta...» ou para o «pelo contrário, se se considerar...» –, também essas reflexões promoviam a natureza múltiplice do seu sorriso. Ele achava tudo e não achava nada,

duvidava de tudo e não duvidava de nada, era um sonhador nato que nada sonhava. Era, em poucas palavras, um digno representante da sua nação.

O SORRISO DE WILHELM E O IMPETUOSO AFÃ DE WILHELMINE

Ainda na face do sorridente Wilhelm se via a expressão da sua boca e já este se apercebera perfeitamente de que devia, de alguma maneira, ter escolhido mal o sorriso. Colherada após colherada, Wilhelmine foi esvaziando o seu ovo, de modo demasiado ponderado e meticuloso. Por muito que reflectisse para lá e para cá, ele foi incapaz de avaliar o que mais lhe dava motivos para inquietação: se o seu sorriso falhado, se a recordação do ultimato da sua Wilhelmine, que, embora pronunciado havia três anos, se lhe afigurava agora inesperada e intensamente presente.

– Se quiseres casar-te comigo, então só a 13 de Janeiro de 1960.

Wilhelm sofreu uma vez mais os tormentos de então e presentiu que este terceiro aniversário do casamento bem poderia começar com um novo ultimato. Considerando todos os ses e todos os *mas*, todos os prós e todos os contras, teria de agir com cautela – atendendo às circunstâncias, dir-se-ia mesmo que com especial cautela. Tivesse ele em conta a irritação que Wilhelmine manifestamente estava a sentir, a cautela seria porventura a estratégia errada, pois face a tais pressupostos Wilhelmine tendia talvez a considerar a cautela uma tortuosidade do carácter. Pensando nos tempos que antecederam o dia 13 de Janeiro de 1960, havia motivos para considerar que seria melhor agir com cautela. Com efeito, naquela altura teria certamente – ou pelo menos provavelmente – sido melhor usar de cautela.

– Wilhelmine! Que ideia a tua! O 13 de Janeiro é o aniversário da Berta! Não, o melhor é escolhermos outro dia.

– Ah, sim?! O aniversário da Berta? Por mim, é como te digo. No dia 13 de Janeiro ou então nunca!

– Oh, Wilmerl! O número 13 não tem só que ver com o dia de aniversário da Berta... É claramente também um número de mau agouro.

Wilhelmine abanara a cabeça e, de modo entusiástico, talvez até um pouco enraivecida, desatara a rir às gargalhadas.

– És mesmo supersticioso! Ah, a pobre Berta, pobre dela! Tão supersticiosa que era também! Não, nada disso, Wilhelm! Se não tiveres coragem para, a 13 de Janeiro de 1960, ir comigo ao registo civil, então és um covarde. E aquilo que eu quero é um homem! Um homem que me apoie e esteja ao meu lado na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno. Todos os dias do ano! Não gosto cá de coisas pela metade.

Já naquela altura teria decerto sido melhor não ter usado o aniversário de Berta como argumento para a objecção. Mas queria isso necessariamente dizer que, três anos volvidos, uma aproximação mais cautelosa, às apalpadelas e em busca dos argumentos certos, seria o mais acertado para contrariar o sequioso afã de Wilhelmine? Wilhelm forçou-se a tomar uma decisão: iria aguardar para ver o que a sua Wilhelmine lhe apresentaria. Talvez ela até estivesse coberta de razão e ele até nem tivesse nenhuma. Wilhelmine estava ao ataque, eis o aspecto mais evidente e decisivo daquela situação. Tudo o resto era duvidoso.

Deixara-o pensativo o juramento que, deitado no leito conjugal, motivado pelo arrebatamento, fizera havia pouco:

– Rapariga do meu coração, minha Wilmerl tão capaz – começara ele por dizer, em jeito de introdução, ao deslizar para dentro da cama, para junto de Wilhelmine –, amanhã é o nosso terceiro aniversário de casamento. Não te esqueceste, pois não? Por tudo o que é santo, minha pombinha, tens a minha

palavra de honra como *chauffeur*! Que estou eu para aqui a dizer? A minha promessa é feita como homem consciente do dever, que cumpre sempre a sua palavra! De futuro irei, mais do que até hoje, escutar cada desejo que se te escape dos lábios. — E, dito isto, pespegou com deleite um ruidoso beijo no rosto da rapariga do seu coração. — Quero cumprir todos os teus desejos antes mesmo de os pronunciares. Tu, ó Wilmerl do meu coração, minha diligente abelhinha, minha tão sublime amada, tão estimada acima de quaisquer dúvidas! Recorda esta minha jura! Lembra-te bem dela, só por isso já este terceiro aniversário terá valido! Por tudo o que é santo! Não há dúvida de que só por isso já ele terá valido!

Por um lado, a favor desta jura estava a tremenda animação que provocara no corpo de Wilhelmine. De um modo que, para ele, se revelara bem agradável.

Por outro lado, como seria se ela levasse o juramento demasiado à letra? Atendendo à propensão de Wilhelmine para inesperadamente reclamar concessões que antes se havia feito em conversa, e já que ele queria fazer uma jura, talvez tivesse feito melhor em formulá-la de um modo mais flexível, não tão firme.

— A 13 de Janeiro de 1963 calha a ser não só o nosso terceiro aniversário de casamento como também o quadragésimo aniversário de Berta. Disse então para mim mesma: «Wilhelm, alguma coisa vai ter de se fazer!» Quer isto dizer que vamos proporcionar uma pequena alegria à Berta e iremos visitá-la. Seja como for, alguma vez teremos de fazer a visita de cortesia. E, não sendo hoje, quando haverá de ser?

— Já calculava... — gemeu Wilhelm, e eis que uma migalha de pão lhe escorregou para a traqueia, uma invasora que ele não conseguia, de modo algum, expulsar com tossidelas, de tal modo que, passado um tempo, as lágrimas se lhe assomaram aos olhos e a sua face passou a exhibir, até à linha do cabelo que já escasseava, os resultados de uma circulação assim exageradamente melhorada.

– Como assim?! Já o calculavas? Se calhar tu próprio já consideraste fazê-lo, não? Eu sempre soube: aquilo que o Wilhelm promete, ele cumpre. Não é por acaso que temos o mesmo nome, não, não é por acaso! Ao fim e ao cabo, somos um só coração e uma só alma.

E o temperamento de Wilhelmine, mais dado à inequívoca clareza do que a ambiguidades, estimulou, também a ela, a circulação sanguínea, animou-lhe os olhos, a boca e as narinas, alterou o seu rosto nada malnutrido, conferindo-lhe uma beleza outonal. Só depois de fitar o seu Wilhelm – com expressão bem calibrada, de acordo com a temperatura sentida naquele seu Verão de São Martinho – é que ela se dignou fazer a devida referência à luta que este estava a travar com a migalha de pão.

– Wilhelm! Não te terás engasgado, não?! – gritou ela, num tom já preocupado, até que por fim Wilhelm conseguiu, a poder de tossidelas, transferir a migalha da traqueia para o esófago.

– Não, não – respondeu Wilhelm; tossicou, enxugou os olhos com o guardanapo vermelho, passou a mão direita por todo o cabelo, que começara a agrisalhar ainda cedo, voltou a tossicar, agora com a mão pela frente, e esforçou-se por, tão dignamente quanto possível, fazer cessar o desassossego que sentia e refugiar-se na segurança transmitida pelas boas maneiras de um homem ponderado que não receia nenhum dos altos e baixos da vida.

– Foi um pequeno erro – disse ele.

– Pois, foi isso mesmo que me pareceu!

A esta exclamação de Wilhelmine, cuja boa disposição matinal podia, como se via, ser ainda intensificada, reagiu ele com um só aceno de cabeça, insinuado de modo discreto e obsequioso.

Após uma pausa mais demorada, que introduziu naquela conversa, e que servia para sublinhar a sua ponderação, ele prosseguiu:

– Sabes, Wilhelmine, de início fiquei mesmo com a impressão de que poderia ter-me engasgado. Agora, porém, vem-se a verificar que de algum modo me terei enganado.

E então, do ramo de flores que servia para acentuar a solemnidade daquele 13 de Janeiro de 1963, Wilhelm retirou a mais bonita das rosas e, esboçando um sorriso, entregou-a à sua cara-metade. Tão comovida esta ficou que, além do visível rubor da sua face, já só conseguiu reagir com umas risadinhas virginalmente envergonhadas.

– Ah, pára com isso, Wilhelm – sussurrou Wilhelmine.
– Pára com isso.

Ainda que, mais por questões formais, ele tivesse introduzido alguns *ses e mas*, alguns prós e contras, o sorriso e a atitude de Wilhelm haviam sido interpretados por Wilhelmine como se este aprovasse os objectivos do dinamismo que a caracterizava. Não obstante, ela teve o cuidado de guardar para si mesma as ambíguas segundas intenções e a sensação de felicidade algo indecorosa que associava à ideia de, por fim, fazer uma visita de cortesia a Berta.

Sem dúvida que o encadeamento de considerações de Wilhelm foi, de certa forma, bem-sucedido. Foram imensas as ideias, e notavelmente boas, que dele brotaram e que tinham que ver com o modo como haveriam de comemorar aquele dia festivo; ocorreram-lhe ao longo de toda a manhã e até mesmo durante o almoço. Fosse como fosse, as coisas conjugaram-se de modo que todas essas ideias acabassem reduzidas a um denominador comum.

– Estás coberto de razão, Wilhelm. As tuas sugestões são excelentes e podiam enriquecer em muito a celebração do nosso terceiro aniversário de casamento. A sério que sim. São ideias amorosas, ideias atenciosas. Antes disso, porém, tem de se fazer uma coisa! Tem mesmo! Tem e tem mesmo! Não podemos pensar apenas em nós. Não podemos fazer como se Berta estivesse enterrada no cemitério.

Depois de anos a esforçar-se por se resignar à felicidade da maternidade e da vida doméstica, a tímida e distante Berta Faust, sempre com a cabeça algures a cismar e a duvidar, encontra-se internada na enfermaria número 66. Protegida do mundo exterior e dos outros, sobretudo da sua amiga Wilhelmine e do ex-marido Wilhelm, e da força de gravidade das circunstâncias, «da vida concreta, tal como ela é», Berta terá ainda de cumprir um último sacrifício para encontrar a paz e a absolvição do acto insano e desesperado que marcou o seu exílio definitivo da realidade.

Distinguida, ainda em manuscrito, com o prestigiado Prémio Robert Walser, *A Gravidade das Circunstâncias* é a fulgurante obra de estreia de Marianne Fritz, autora de culto, que marcou assim de forma indelével a literatura austríaca do século xx. Um romance inesquecível em que a tragédia se cruza com a sátira, a estranheza com o génio, para contar a história de uma mulher incapaz de lidar com a realidade e os seus horrores, lançando, ao mesmo tempo, uma sombra nos anos do pós-guerra e da Reconstrução da sociedade europeia.

«Uma história de terror que entra, silenciosa e paulatinamente, no coração da escuridão doméstica.»

The New York Times

«Fritz ganhou o Prémio Franz Kafka em 2001 e a sua obra, tal como a dele, é de uma profundidade perturbadora.»

The Chicago Tribune



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897877452



9 789897 877452 >